



## **A EPÊNTESE VOCÁLICA EM CODA FINAL PRODUZIDA POR FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO L2**

Antonio Xavier dos SANTOS; Leônidas José da SILVA Jr

Universidade Estadual da Paraíba- [tonyaxds@hotmail.com](mailto:tonyaxds@hotmail.com) ; [leonidas.silvajr@gmail.com](mailto:leonidas.silvajr@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma análise do fenômeno fonológico de epêntese vocálica do inglês como língua estrangeira (LE), realizada por falantes brasileiros. Como fundamentação teórica nos aportamos em Bisol (2010), Lucena & Alves (2009), Crystal (2008), Nespor & Vogel (2007), Cagliari (2002), Bisol (1999), Ladefoged (1996), Brown (1994), Selkirk (1984) e Selinker (1972). Nossa metodologia foi constituída por meio da coleta de dados de informantes brasileiros que realizaram leitura de palavras contendo ambiente fonológico propenso à epêntese em frases aleatórias. Nossos dados foram analisados acusticamente e, a partir desta análise, podemos observar como se deu a produção de epêntese, vendo assim como o nível de proficiência dos falantes podem influenciar. Para que o evento de pentalização da vogal seja suavizado, corroboramos Silva Jr & Silva (2014) quando os autores apontam que uma alternativa a ser adotada é a de atividades em que o uso da habilidade *listening* seja estimulada no contexto de sala de aula ao invés de se priorizar leitura e escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epêntese vocálica. Língua inglesa. Ensino.

### **1. INTRODUÇÃO**

É notório que o ensino de pronúncia em língua inglesa tem sido cada vez mais negligenciado pelos professores durante suas aulas; sobretudo a pronúncia na fala encadeada (*connected speech*). Percebe-se então que a pronúncia dos alunos, durante o processo de ensino-aprendizagem do inglês sofre forte influência do português brasileiro por não serem trabalhadas questões fonético-fonológicas em sala de aula.

Dessa forma, o presente trabalho destina-se a verificar e descrever um fenômeno realizado por falantes do português brasileiro (PB) como língua materna (L1) aprendizes do inglês como língua estrangeira (L2): o afrouxamento da coda silábica (ACC) (BISOL, 1999) e suas respectivas consequências na aquisição da L2. A esse afrouxamento de coda atribuímos o nome de *epêntese vocálica*. Com este estudo experimental, avaliamos, acusticamente, como ocorre a epêntese em coda de oclusivas e dependendo da classe da oclusiva, a realização da epêntese pode ser [+ breve] ou [+ longa];



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A partir desses estudos, buscamos observar como a pentalização da sílaba em L2 sofre influência da língua materna (L1). Desta maneira e através das propostas de ensino que se encontram nos parâmetros curriculares nacionais, propomos uma possível solução para que o evento de pentalização da vogal seja suavizado.

## 2. APORTE TEÓRICO

Segundo Roach (2002, p. 25), a epêntese é caracterizada como um fenômeno redundante, ou seja o falante tende a inserir um elemento fonológico desnecessário e que não acrescenta informação alguma aos outros sons. O autor citado admite que tal fenômeno, geralmente, ocorre quando há a adaptação de vocábulos de uma língua para a outra, cujas regras fonotáticas não permitem uma determinada sequência de sons, ou mesmo quando um falante está lidando com uma outra língua fonotaticamente diferente da sua língua nativa.

Crystal (2008, p.171), diz que, a epêntese constitui-se com a inserção de um elemento sonoro na palavra. No processo de aquisição de inglês como L2, entendemos como uma estratégia de reparo fonológico, onde haverá ou parece haver uma transferência fonológica (TF) de padrões silábicos do PB para o inglês. Lado (1957) observou que, na aprendizagem de uma língua estrangeira, os indivíduos tendem a transferir as formas e significados de sua língua nativa para a língua estrangeira através de um processo que denominou *transferência linguística*.

Esta tentativa de reparo fonológico em que um falante tenta se aproximar foneticamente da língua alvo, foi chamada por Selinker (1972) de Interlíngua. Segundo o autor, interlíngua é um sistema linguístico baseado em enunciação observável que resulta na tentativa do falante em produzir uma norma da língua alvo.

De acordo com Brown (1994), a interlíngua ou TF consiste em um sistema baseado na melhor tentativa dos falantes/alunos em prover ordem e estrutura aos estímulos que estão a sua volta.

Como o Português segue um padrão de estrutura silábica diferente do inglês, e a partir do momento, o qual a sílaba foi reconhecida, aceita como unidade fonológica, duas teorias que englobaram sua estrutura interna (COLLISCHONN, in BISOL 2005, p. 101): a teoria autosegmental de Kahn (1976), que entende cada componente silábico como uma camada independente, e a teoria métrica, representada por Selkirk (1982), que prevê uma organização estrutural silábica como a seguinte:

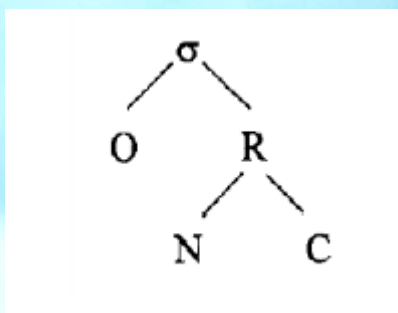


Figura 1 – Estrutura silábica (Selkirk [1982], in COLLISCHONN, 2005)

A imagem nos mostra a estrutura silábica, onde encontramos o ataque (ou onset) e a rima, a qual é subdividida em núcleo e coda. Todas as sílabas, ou qualquer sílaba, pode/podem apresentar essas categorias vazias, com exceção do núcleo silábico, pois o mesmo é ocupado por uma vogal que acrescenta à rima o papel de sílaba. No Português Brasileiro, temos sempre uma vogal como núcleo silábico.

Cagliari (1981), observa que esse fenômeno ocorre entre seqüências de oclusiva e nasal bilabial, de oclusiva e fricativa alveolar surda e de oclusiva e outra consoante, exemplificando com as seguintes palavras, entre outras (levando em consideração o PB): *obter, submarino, obséquio, objeto, captar, ritmo, compacto, técnica, amnésia, afta*. Detém-se no estudo da epêntese que ocorre entre consoantes no meio da palavra (*rpto*); depois da consoante final (*VARIG*); e diante de grupo consonantal (*spa*).

Diante de tais possibilidades, com exceção de alguns casos de estrangeirismo na LM, ou pelo uso da L2 (qualquer palavra em inglês, nesse caso, cujo segmento em posição coda seja uma consoante), há o predomínio de uma vogal epentética como forma de desfazer esses encontros consonantais (COLLISCHONN, 2003, p. 286).

Conforme Cagliari (2002), a epêntese vocálica objetiva corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que algumas consoantes que ocupavam a posição de coda, passem a ocupar a posição de ataque, agregando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos.

O estudo considera, segundo Itô, que a silabação em português obedece à direção direita-esquerda, o que indica que a posição da inserção da vogal está relacionada à direcionalidade da silabificação em português, embora essa não possa ser o único fator determinante da posição da epêntese em função de restrições fonotáticas da coda.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Bisol (1999, p. 729-733) trata do processo de epêntese ao examinar a silabação no português. Segundo a autora, a epêntese esta presente em todos os níveis lexicais, assim como no nível pós-lexical. A epêntese e entendida, então, como parte da silabação. A autora afirma que:

Se os princípios de composição da silaba básica deixarem dessilabado material que viole os princípios universais ou convenções de língua particular, a silabação iterativa, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, processa-se em torno de nos vocálicos vazios, preenchidos, mais tarde, por “default” ou assimilação, legitimando uma configuração silábica. (BISOL, 1999, p. 729)

Com relação ao processo de inserção de elemento epentetico vocálico, Bisol (1999,p. 739) afirma que a epêntese lexical tem a função de salvar consoantes flutuantes, já a epêntese pós-lexical funciona como simplificadora de silaba composta de ataques ou codas complexos.

A proposta adotada por Bisol (1999) apresenta como localização da epêntese tanto o nível do léxico quanto o do pós-léxico. A autora afirma que elementos flutuantes internos são salvos pela epêntese lexical, já os segmentos periféricos são protegidos pela propriedade da extrametricidade ate o nível do pós-léxico, onde por epêntese é criada uma nova silaba.

### **3. METODOLOGIA**

Nossa metodologia foi composta por meio de coleta de dados. Para a mesma utilizamos um app-gravador *Smart Voice Recorder* rodado no dispositivo *Samsung S3 Duos*. As gravações foram feitas na biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. Três alunos do 3º ano do ensino médio se voluntariaram a fazer a leitura das frases escolhidas pelo pesquisador.

Utilizamos slides os quais haviam palavras contendo ambiente fonológico propenso à epêntese que foram distribuídas em frases aleatórias nos respectivos slides. Depois de coletados, os dados foram rodados e analisados no programa computacional *PRAAT* versão 54.0.0. A partir daí, foi possível descrever, sob o ponto de vista fonético-acústico, o comportamento dos dados em relação à realização ou não da vogal epentética em coda – objeto de estudo do presente trabalho.

### **4. RESULTADOS**

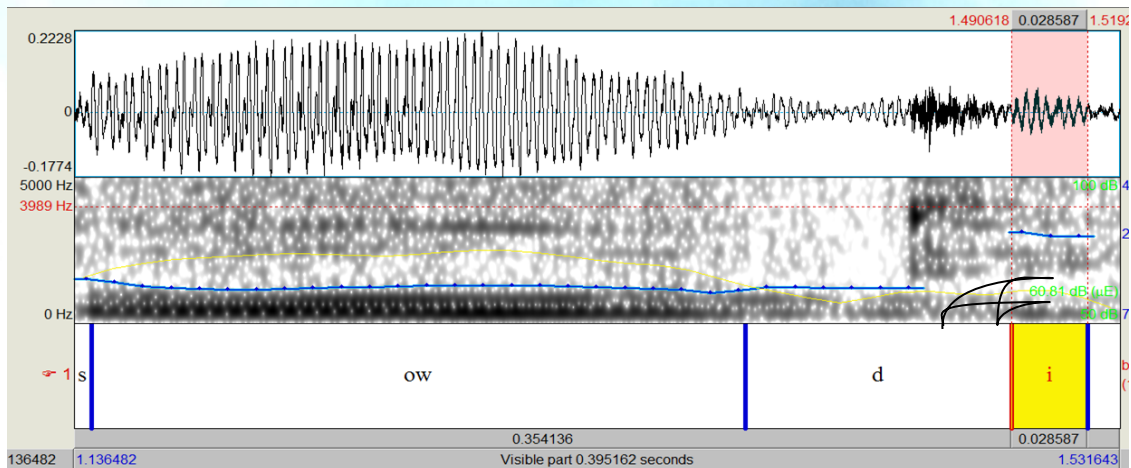


Fig. 1: Produção de old[i]- informante 1

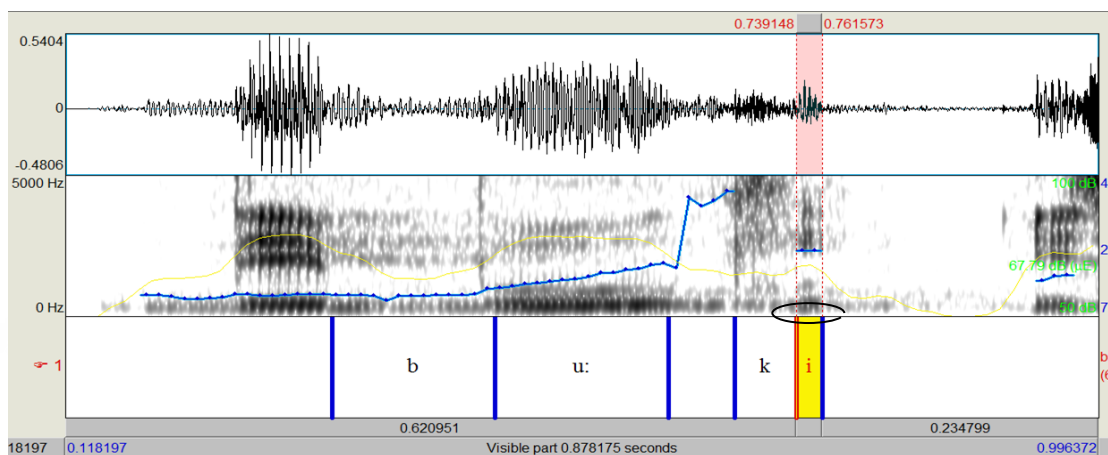


Fig. 2: Produção de book[i]- informante 1

Nas figuras 1 e 2 - em *old* e *book* respectivamente - é possível detectar a epêntese da vogal [i] pelos traços formânticos de F1 e F2. Todavia, ocorre ausência da barra de sonoridade para a vogal epentética como mostra a porção inferior do espectrograma. Os valores de duração destas vogais são 28 ms na figura 1 e 12 ms na figura 2.

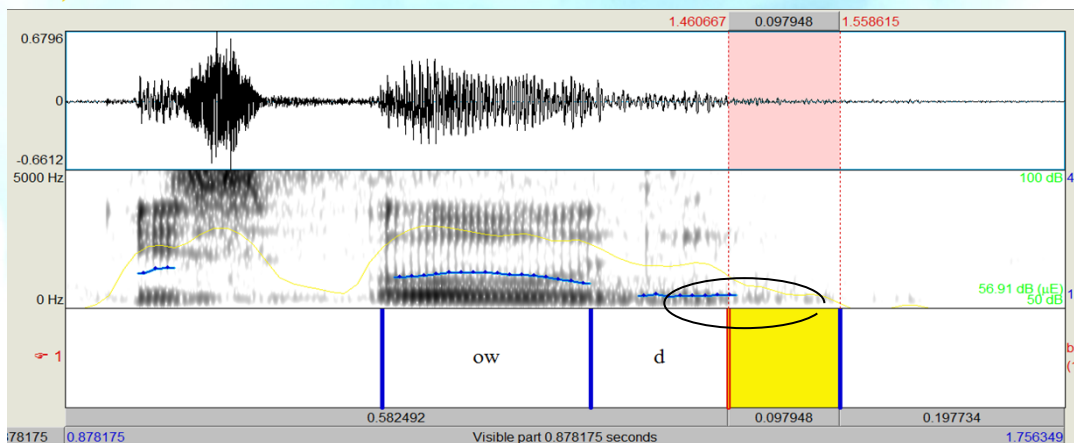


Fig. 3: Produção de old[ø]- informante 2

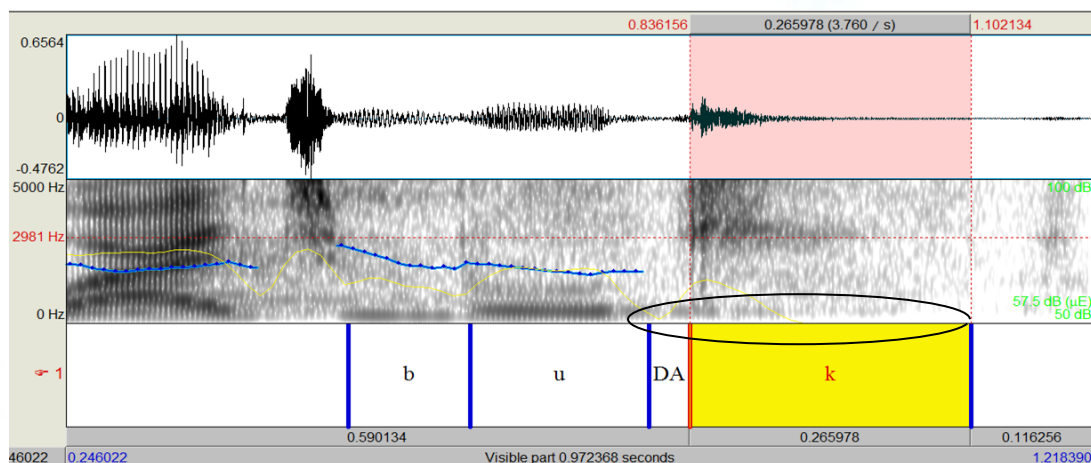


Fig. 4: Produção de book[ø]- informante 2

Nas figuras 3 e 4 é possível notar que o informante 2 realiza tanto *old* quanto *book* sem epêntese. Podemos atestar suas produções pela ausência do sinal periódico (forma de onda) e da barra de sonoridade na janela do espectrograma. Na figura 4, a energia acústica mostrada no espectrograma é de aproximadamente 2900 Hz – características de oclusiva velar surda em coda de sílabas do tipo CVC segundo Ladefoged (1996).

Analisando a figura 4 – *book* - percebemos que na transição da vogal [u] para a oclusiva velar [k], ocorre uma desaceleração dos articuladores (DA) de 39 ms para que estes voltem a posição de repouso. Tal fato é apontado pela presença de F1 na janela DA e ausência da barra de sonoridade.

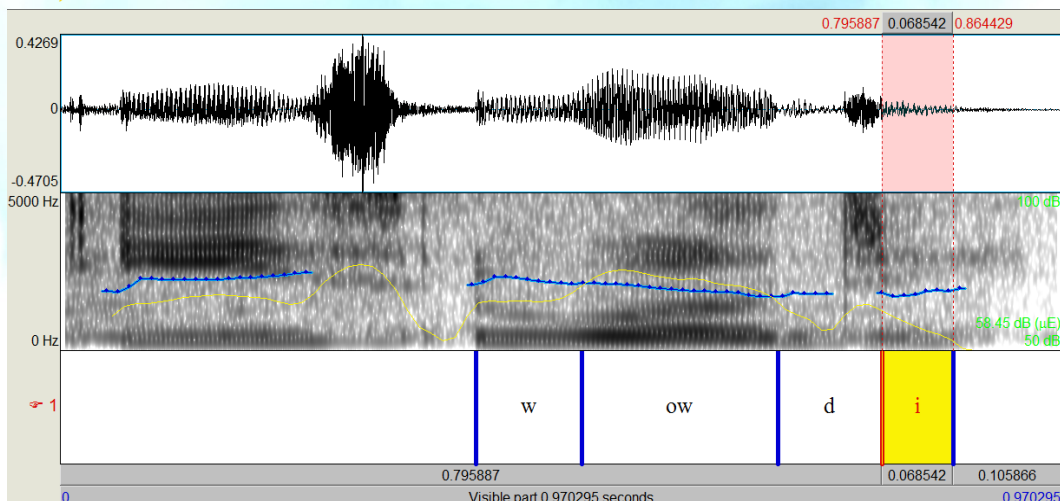


Fig. 5: Produção de old[i]- informante 3

Na figura 5, o informante 3 realiza o léxico “old” como [wodi]. Observa-se no espectrograma que o núcleo silábico começa com um glide [w]: uma aproximante bilabial ao invés da vogal posterior arredondada [o]. Neste caso, a vogal epentética é conferida pela produção da vibração das pregas vocais como atesta a barra de sonoridade. Entretanto, os formantes – F1 e F2 – não são claramente formados embora seja possível percebê-los. Isso acontece quando os articuladores estão preparados para produzirem a vogal. É um fenômeno chamado de “vogal ensurdecida”. De acordo com Cagliari (2007): O desvozeamento antes de uma pausa é comum a qualquer estilo de fala. Para o autor, esta vogal é produzida por um estreitamento da glote causando uma fricção glotal que provoca uma ressonância supraglotal, ou seja, nos articuladores do trato vocal. (p.100-101) A rigor, este é mais um indício na influência da L1 no inglês como L2.

## 5. DISCUSSÃO

Como mostram nossas análises através das imagens acima, vemos que o fenômeno ocorre na realização das palavras destacadas, de acordo com Del Ré (2006), essa é uma situação inevitável, sobretudo quando se consideram os primeiros momentos de aprendizagem de uma L2, em que a língua de origem tende a aparecer de forma clara nas produções dos aprendizes, deixando vestígios de sua estrutura.

De acordo com Ferreira (2005) esse processo de simplificação silábica é muito comum na produção de aprendizes de uma L2, nesse caso o Inglês. O falante brasileiro de inglês poderá reproduzir formas não-alvo da L2, por causa dos padrões silábicos do PB, como ocorre em alguns empréstimos linguísticos, tais como acne,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

pronunciado [akini] ou até mesmo em surf, onde no PB temos [suhfi]. Nessa perspectiva o acréscimo do fone [i], seria atribuído pelo padrão silábico da L1, influenciando assim a realização da epêntese.

Segundo Major (1987, apud Ferreira 2005, p.36) os falantes do PB como L1, enquanto aprendizes iniciantes de inglês produzem igualmente a epêntese decorrente de ambos os processos, tanto de transferência fonológica como de desenvolvimento fonológico típico.

De fato, os aprendizes de inglês irão executar esse processo interfonológico na tentativa de suprir uma deficiência, ou seja, recorrer à ressilabificação pelo fato de tal estrutura silábica não ser recorrente em L1.

## 6. CONCLUSÃO

Mesmo se tratando de informantes que nunca estudaram inglês em escola de língua e que são considerados iniciantes (*real beginner*), 40% dos eventos foram realizados sem epêntese vocálica na coda silábica contra 60% com epêntese. Isso mostra que o desnível entre as produções não se mostra tão agudo como mostram nossos dados em sílabas CVC e VC em que a coda é oclusiva. No tocante à quantificação dos dados, corroboramos padrões estatísticos semelhantes aos de Lucena (2009) em que o peso relativo (PR) para produção de epêntese em coda é de 0,54 contra PR = 0,46 em não-realização.

O manejo utilizado nesta pesquisa pode ser um determinante para o percentual citado. Nas pesquisas já realizadas sobre a epêntese, o julgamento fonético dos dados foi geralmente feito através de uma análise de oitiva, ou seja, perceptual. A vantagem de “enxergar” os dados através do instrumento acústico facilita a identificação de um segmento pelas possibilidades de sua medição.

Segundo Paiva (2009) assim como na aquisição da língua materna, concebe a aquisição da segunda língua como formação de hábitos, resultantes de estímulos e respostas na forma de uma repetição mecânica.

Diversos estudiosos, porém, afirmam que a aquisição de uma segunda língua, ainda na infância é bastante similar à aquisição da primeira língua, ou seja, para que o processo de TF seja minimizado no período de aquisição do inglês como L2, sigam os mesmos processos aquisitivos da LM. Segundo McLaughlin (apud, Harding-Esch & Riley 2003) o processo de aquisição da língua é o mesmo em suas características básicas e em sua sequência de desenvolvimento.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## 7. REFERÊNCIAS

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics**. Versão 5.4.00 (Programa computacional). Acessado em 2014. Disponível em: <http://www.praat.org/>

SILVA Jr, L.; SILVA, R. N. **O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras: Contribuições da habilidade “listening”**. Revista Enid UEPB. V. 1 2014.

LUCENA, Rubens Marques; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda**. Letra Viva (UFPB), v. 9, p. 19-33, 2009.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua**. In Cortina, A.; NASSER. S.M.G.C. **Sujeito e linguagem. e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009 Disponível em <http://www.veramenezes.com/sujeito.pdf>. Acesso em Março de 2015.

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008

NESPOR, Marina & Irene VOGEL. **Prosodic Phonology**. Deutsche: Berlin 2007

DEL RÉ, Alessandra. **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Ana Paula P. **A epêntese na produção oral de aprendizes de línguas estrangeiras**. Curitiba: 2005.

COLLISCHONN, Gisela. **A sílaba em português**. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005

COLLISCHONN, Gisela. **A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas**. Revista Letras, Curitiba? Editora UFPR, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.

HARDING-ESCH, Edith. RILEY, Philip. **The Bilingual Family: a handbook for parents**. 2. Ed. Cambridge University press, 2003

CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

ROACH, Peter. **Phonetics**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado – volume VII: novos estudos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.

LADEFOGED, Peter. **Elements of Acoustic Phonetics** 2<sup>nd</sup> ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

BROWN, David. B. **Principles of Language Learning and Teaching**. Third Edition, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

ITÔ, Junko. **A Prosodic Theory of Epenthesis**. *Natural Language and Linguistics Theory* 7, 1989, 217-260

MAYJOR, Roy C. (1987) **A Model for Interlanguage phonology**. In G. Ioup & S.H. Weinberger (Eds.), **Interlanguage phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System**. (pp. 101-124). New York: Newbury House. In: FERREIRA, Ana Paula P. *A epêntese na produção oral de aprendizes de línguas estrangeiras*. Curitiba 2005.

SELKIRK, Elisabeth. **The syllable**. HULST, H. V. D., SMITH. *The structure of phonological representations (part II)*. Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. Tese (Livro-Docência em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

SELINKER, Larry. **Interlanguage**. In: **International review of applied linguistics**. n.10, 1972. p. 219-231

Lado, R. (1957). **Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers**. Ann Harbor: University of Michigan Press.